



SHARON KENDRICK
O rei do meu coração

JENNIE LUCAS
Uma paixão no esquecimento

©
a
u
r
i
o
r
a
l
s

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2021 Harlequin Ibérica, uma divisão de
HarperCollins Ibérica, S.A.
N.º 118 - dezembro 2021

© 2010 Sharon Kendrick
O rei do meu coração
Título original: The Royal Baby Revelation
Publicado originalmente por Harlequin
Enterprises, Ltd.

© 2009 Jennie Lucas
Uma paixão no esquecimento
Título original: Bought: The Greek's Baby
Publicado originalmente por Harlequin
Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em
português em 2011

Reservados todos os direitos de acordo com a
legislação em vigor, incluindo os de reprodução,
total ou parcial. Esta edição foi publicada com a
autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres,
lugares e situações são produto da imaginação do

autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

® e TM são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Dreamstime.com

I.S.B.N.: 978-84-1105-095-1

Sumário

[Portada](#)

[Créditos](#)

[O rei do meu coração](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Epílogo](#)

[Uma paixão no esquecimento](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

SHARON KENDRICK
O rei do meu coração



CAPÍTULO 1

Uma luz dourada filtrava-se pelo tecto abobadado, mas Melissa não reparou. Até os palácios perdiam toda a importância quando se apercebeu de que chegara o seu momento.

Finalmente.

Às vezes, tinha a sensação de que a sua vida dependia daquele momento, de que tudo girara em torno dele e de que, é claro, o seu futuro dependia do que acontecesse. Tudo começara quando vira no teste de gravidez que fizera em casa que o resultado era azul e que estava grávida.

Desde aquele momento, a sua vida mudara para sempre.

– Ouviste-me, Melissa? – perguntou Stephen. – Disse-te que o rei te receberá em breve.

- Sim, sim, ouvi-te - respondeu Melissa, sentindo que o seu coração acelerava e olhando-se fugazmente num dos espelhos que havia na sala de espera da sala do trono do palácio de Zaffirinthos.

Não era uma mulher presunçosa, mas ia a uma audiência com o rei.

O rei e pai do seu filho!

Enquanto arranjava o seu cabelo comprido pela enésima vez, rezou para ter bom aspecto por fora, porque por dentro se sentia bastante mal. Tinha de estar bem para que Carlo se interessasse por ela, para que se convencesse de que era uma mãe digna para o seu filho. Melissa secou o suor das palmas das mãos no vestido e olhou para Stephen, nervosa.

- Estou bem?

- Sim, estás bem, mas já sabes que não vai reparar no que vestiste. Os membros da realeza nunca reparam nessas coisas. Somos empregados, portanto, é como se fôssemos móveis ou papel de parede.

- Papel de parede? - repetiu Melissa, horrorizada.

- Exactamente. A única coisa que quer é que lhe façam um breve itinerário da festa desta noite. Mais nada. Já lhe disse tudo o que precisa saber, mas como te encarregaste das flores e dessas coisas, quer agradecer-te pessoalmente. É uma audiência de cortesia, podíamos dizer. Portanto, sê breve e encantadora, e não esqueças que só deves falar quando te indicar.

- Não o esquecerei, claro que não - garantiu Melissa. - Sabes que já o conheço?

- Ah, sim? - surpreendeu-se Stephen, olhando para ela com o sobrolho franzido. - Quando o conheceste?

E porque dissera aquilo? Talvez para abrir caminho no caso de os seus sonhos se tornarem realidade e de o rei Carlo reconhecer Ben como seu filho e herdeiro? Se fosse assim, poderia falar do pai do seu filho com orgulho, em vez de ter de morder a língua e dizer que preferia não falar dele.

O problema dos sonhos era que era difícil pará-los. Melissa chegara a imaginar que o rei estaria imensamente agradecido quando lhe falasse da existência de Ben.

Há poucos meses que a mulher do irmão mais novo de Carlo dera à luz e a imprensa internacional proclamara que o reino de Zaffirinthos já tinha herdeiro, mas Melissa sabia que aquilo não era verdade, porque o verdadeiro herdeiro era Ben, o seu filho.

- Quando? Bom, foi por altura da exposição itinerante de mármore de Zaffirinthos que se fez em Londres - respondeu Melissa. - O rei assistiu tanto à exposição como à festa que se organizou depois. Não te lembras?

- Claro que me lembro - respondeu Stephen. - Naquela noite, ajudaste-me a servir os canapés. Mas não lhe disseste mais do que «outro canapé, Majestade?», portanto, não tenhas ilusões. Não vai reconhecer-te.

Melissa sorriu e assentiu.

Como é que o seu chefe podia saber o que acontecera entre o rei e a assistente do organizador de eventos, se não houvera contacto visual nem sedução alguma? Não era de esperar que o hóspede de honra começasse a falar com uma mulher que estava ali simplesmente para servir os canapés e para se certificar de que tudo estava bem.

O que é que Stephen pensaria se soubesse o que o rei lhe dissera na noite seguinte, quando Melissa se sentira fria e vazia, e precisara de consolo humano?

Dissera que era uma pena que tivesse cuecas e, depois, começara a tirar-lhas e, dando-lhe um beijo apaixonado, fizera com que fosse completamente impossível que Melissa se recusasse a fazer amor com ele.

Evidentemente, Stephen não sabia que fora para a cama com o homem que regia a próspera ilha mediterrânea de Zaffirinthos. Não sabia que Carlo era o pai de Ben. Nem sequer a tia de Melissa, que ficara em Inglaterra a cuidar do menino, sabia. A verdade era que nem sequer o próprio Carlo sabia.

Era um segredo terrivelmente difícil de guardar e que Melissa se vira obrigada a esconder, mas depressa ficaria livre daquele peso intolerável.

- As pessoas continuam preocupadas com a saúde do rei - acrescentou Stephen.

Melissa deu um salto.

- Mas não está doente, pois não?

- Doente? Não, é um homem muito saudável e ágil, está em forma, garanto-te, mas... Sabes que esteve prestes a morrer no ano passado?

Apesar de estarem no fim de Maio e estar bom tempo, Melissa não conseguiu evitar um arrepio, porque as palavras do seu chefe a devolveram àquele momento terrível da sua vida, em que soubera que Carlo se debatia entre a vida e a morte. Passara horas à frente da televisão, a ver o canal informativo de vinte e quatro horas, a dormir pouco e mal, à espera dos noticiários que tão pouca informação lhe tinham dado.

Quando descobrira que estava tão mal, decidira que não podia continuar a esconder-se e, quando a tinham informado que Carlo saíra do coma, percebera que tinha de lhe contar que tinha um filho, porque aquele menino que ela amava com todo o seu coração, não era apenas seu filho, mas o filho de um rei, herdeiro de uma dinastia milenária.

Além disso, pai e filho tinham o direito de saber da existência um do outro.

- Caiu do cavalo, não foi? - perguntou a Stephen, apesar de já saber.

- Sim, aterrou de cabeça... Esteve semanas em coma.

- Mas agora está bem?

- Parece que sim, mas um dos seus assistentes contou-me que anda a enlouquecê-lo desde que recuperou.

Melissa não queria ouvir aquilo. O que queria ouvir era que Carlo era a pessoa mais amável do mundo, queria acreditar que, quando lhe dissesse o que tinha a dizer, sorriria e diria que não se preocupasse, que não havia problema, que ele se encarregaria de resolver tudo.

- É frio? - perguntou.

- Como o gelo, portanto, sê breve e encantadora - insistiu Stephen.

- Não o esquecerei - respondeu Melissa, seguindo o guarda que a esperava para a levar diante do rei.

Chegara no dia anterior, num avião privado, nada comparado com os autocarros cheios que costumava apanhar, para ajudar Stephen com a festa do rei. Iam celebrar o casamento do irmão mais novo, Xaviero, e da sua esposa, Catherine, e o nascimento do primeiro filho. Stephen estava a

encarregar-te de tudo. Era o organizador de eventos e festas mais cobiçado.

Stephen Woods era o seu chefe. Melissa ajudava-o a organizar as festas. A verdade era que chegara àquele trabalho mais por sorte do que por vontade. Ti-nham-se conhecido quando ela trabalhava como empregada temporária num dos seus escritórios, coisa que se vira obrigada a fazer quando a sua mãe morrera e ficara sem dinheiro para pagar os estudos universitários.

Através da sua dor, Stephen soubera ver o seu talento e devolvera-lhe a auto-estima. O famoso restaurador repetia-lhe constantemente que o seu olho artístico era de uma ajuda inestimável, que a sua capacidade de transformar o mundano em algo extraordinário o ajudara a transformar a sua empresa no serviço de *catering* mais solicitado.

Por isso, Stephen deixava que escolhesse os seus próprios horários, que giravam em torno de Ben, e Melissa estava-lhe imensamente agradecida por isso.

Melissa ia a pensar em todas essas coisas enquanto seguia o guarda e mal reparou na elegância e no esplendor do palácio.

Não conseguia parar de pensar no seu filho e em como a sua vida ia mudar. Em pouco tempo, teria pai, um pai que o amaria e cuidaria dele, um pai que enriqueceria a sua vida com todo o tipo de privilégios.

O guarda parou à frente de umas portas enormes e bateu.

- Sim? - replicou alguém, lá dentro.

As portas abriram-se. Melissa sentiu que lhe tremiam as mãos. A verdade era que sentia que todo o seu corpo tremia. O seu sonho estava prestes a tornar-se realidade, mas tinha de aguentar um pouco mais.

Então, viu-o.

Carlo estava sentado à secretária, tão concentrado a ler uns papéis que nem reparou nela. Melissa aproveitou para olhar para ele atentamente, para desfrutar do brilho escuro do seu cabelo, da sua silhueta forte e musculada, e da sua pele azeitonada.

Aquele homem nascera para governar e era perfeito para ela.

De repente, levantou o olhar e Melissa sentiu um aperto no coração. Que mulher não se sentiria

emocionada ao voltar a ver o homem que gerara um filho no seu ventre?

Durante o tempo que passara sem o ver, não parara de pensar nele, apesar de Carlo não ter mostrado nenhum interesse em entrar em contacto com ela. Há quanto tempo não se viam? Melissa fez os cálculos... Há quase dois anos.

Estivera quase dois anos sem o ver!

Ficou a olhar para aqueles olhos profundos cor de âmbar, de pestanas pretas e espessas que a estudavam.

Carlo.

Era Carlo, mas parecia muito diferente.

Tinha uma expressão facial muito mais dura, que fez com que Melissa engolisse em seco. Com aquela aura real, estava régio, imponente e... Completamente inacessível.

Mas uma vez fora muito acessível para ela, não fora? Sim, tão acessível que a levara para o seu quarto e se deitara sobre ela, penetrando-a com o seu corpo dourado, mas agora, vê-lo ali, no seu palácio...

Melissa ficou nervosa.

Sempre soubera que era um rei, mas naquele momento estava a vê-lo com os seus próprios olhos. Carlo era o rei de uma ilha fantástica, dono e senhor de tudo o que havia nela. Aquilo era bastante intimidante.

Era demasiado tarde para desistir. Passara muito tempo à espera que a recebesse e chegara o momento, portanto, Melissa obrigou-se a sorrir, pois aquele homem era o pai do seu filho e de certeza que se comportaria de forma adulta.

Melissa não esperava que Carlo se levantasse, corresse para ela, a abraçasse e lhe desse voltas no ar, mas esperava algum tipo de reacção. Talvez surpresa ou susto, ou até mesmo aborrecimento, mas alguma coisa.

No entanto, Carlo mantinha-se frio e distante.

Melissa decidiu quebrar o gelo.

- O... Olá - cumprimentou, num tom trémulo.

Carlo demorou a responder. Estava tão perdido nos seus pensamentos, que não se recordava de ter dito que queria ver alguém e agora não sabia quem era a mulher que tinha à sua frente.

Tinha cabelo comprido, da cor do chá escuro, e olhos verdes. Tinha uma pele quase translúcida e

um vestido muito simples, que realçava as suas pernas compridas e bem torneadas.

Carlo franziu o sobrolho. Estava habituado a um protocolo férreo. Passara toda a vida rodeado dele e, embora às vezes lhe parecesse enfadonho e inútil, quando outros não o respeitavam, indignava-se.

- E quem é? - perguntou à desconhecida, com frieza.

O sorriso de Melissa desapareceu do seu rosto. Estava a brincar? A julgar pela forma como olhava para ela, não. Melissa ficou a olhar para ele, à espera que a reconhecesse. Nada. Não se lembrava que era a mulher com quem fizera amor várias vezes.

Continuava a olhar para ela com frieza e dureza.

«Não sabe quem sou!», pensou.

Não conseguia acreditar.

Era verdade que a relação só durara alguns dias, mas... Ter-se-ia mesmo esquecido dela? Carlo dissera que sempre recordaria o seu sonho apaixonado. Diria o mesmo a todas?

Melissa pestanejou várias vezes e tentou ordenar os seus pensamentos. Não podia dar-se ao luxo de dizer alguma coisa de que depois pudesse vir a arrepender-se, algo como «Majestade, é exactamente como o meu filho» ou «tenho um como o senhor, em miniatura, lá em casa.»

Não, não podia fazê-lo. Não era a maneira certa, devia escolher o momento cuidadosamente. Certamente, não parecia ser o momento adequado, porque Carlo estava a olhar para ela como se tivesse saído de uma nave extraterrestre e estivesse a abrir uma cratera no tapete.

– O meu nome é Melissa – disse, com esperança de que isso lhe dissesse alguma coisa.

Por acaso, não lhe dissera muitas vezes que o seu nome o fazia pensar em mel?

– Melissa?

– Sim, Melissa Maguire.

– O seu nome não me diz nada – respondeu Carlo, com um ar aborrecido.

O que podia dizer-lhe para o fazer recordar? Melissa lembrou-se que Carlo lhe dissera que a

tarde em que tinham estado a navegar pelo rio fora uma das melhores da sua vida.

- Vivo nos subúrbios de Londres, num sítio que se chama Walton-on-Thames. É muito perto do rio e podem alugar-se barcos. Se calhar...

- Talvez adormeça se continuar com esse monólogo insosso - interrompeu Carlo. - Não quero que me conte a sua vida, mas que me diga o que faz aqui, porque entra nos meus aposentos privados - queixou-se, dando rédea solta à irritação que o acompanhava há meses. - Suponho que saberá quem sou, embora não o tenha demonstrado em nenhum momento.

- É claro que sei quem é - respondeu Melissa. - É o rei de Zaffirinthos.

- E, mesmo assim, cumprimenta-me como se cumprimenta um amigo. Porque não baixa o olhar, nem me faz uma reverência?

Melissa cruzou os tornozelos e dobrou os joelhos em sinal de deferência, mas por dentro estava furiosa e humilhada. Depois daquilo, estava muito claro que não a reconhecera. Porque havia de lhe fazer uma reverência quando era a mãe do seu filho?

Claro que não era o melhor momento para lho dizer, portanto, tentou comportar-se com educação.

– Perdão, Alteza – desculpou-se.

– Majestade – corrigiu ele, apesar de saber que já não o seria por muito tempo.

Carlo sentiu um aperto no coração ao pensar no que lhe restava fazer. Em breve, ver-se-ia livre dos condicionamentos que tinham transformado a sua vida numa jaula de ouro. Quando, naquela noite, fizesse o comunicado que ia fazer no baile, as especulações sobre o seu futuro cessariam.

Carlo ficou a olhar para a mulher, que mantinha a cabeça inclinada e ficou alerta. Havia alguma coisa nela, alguma coisa que não conseguia descrever, alguma coisa que o acidente não lhe roubara, mas não sabia o que era.

– Levanta-te! – ordenou, com impaciência.

Melissa assim o fez.

– Porque veio?

– Chamou-me.

Mandara-a chamar? Devia estar tão consumido pela seriedade do que ia fazer, que não parara para pensar na vida diária do palácio.

Carlo começou a organizar os papéis que tinha à frente dele.

- Muito bem. Então, diga-me quem é e o que faz.

Que forma tão humilhante de lhe recordar que não sabia quem era, mas Melissa decidiu não se deixar vencer, nem mostrar a dor que estava a sentir.

- Trabalho para Stephen Woods, o organizador de festas, Majestade - respondeu Melissa, conseguindo esboçar um sorriso profissional. - Estive a ajudá-lo, em Inglaterra, a organizar a festa desta noite. Cheguei ontem à noite para o ajudar com os últimos detalhes e Stephen disse-me que queria ver-me, para que lhe fizesse um breve resumo dos acontecimentos desta noite - explicou Melissa.

Stephen também lhe dissera que o rei queria agradecer-lhe, mas não acreditava que isso fosse acontecer e não lhe pareceu oportuno recordá-lo.

- Ah, sim? - questionou Carlo, em voz alta. - Muito bem. Sente-se e faça-o! - ordenou.

- Obrigada - respondeu Melissa, sentando-se numa poltrona estofada com tecido dourado.

- Fale.

Melissa humedeceu os lábios com a ponta da língua. Estava a tentar não ficar nervosa, mas não conseguia parar de olhar para aquele rosto tão belo e para aqueles olhos que a estudavam dos pés à cabeça.

Como reagiria quando lhe dissesse? E como demónios ia dizer-lhe? Depois de respirar fundo, Melissa decidiu impressioná-lo com os seus dotes profissionais, em vez de começar a dizer que era a mãe do seu filho.

- O baile começará às oito, com a sua entrada, Majestade. Depois, chegará o seu irmão, o príncipe Xaviero, e a esposa, a princesa Catherine, com o filho, o príncipe Cosimo.

- E não é um pouco tarde para o bebé estar acordado?

- Talvez um pouco - admitiu Melissa. - É que... Tínhamos pensado que seria uma boa oportunidade para o apresentar à imprensa e

para lhe fazerem uma breve sessão de fotografias. Como com esta festa se celebra o casamento do seu irmão e o baptizado do seu sobrinho, os meios de comunicação social pediram-nos encarecidamente que lhes permitíssemos tirar uma fotografia do príncipe com os pais – explicou Melissa. – A ideia é dar-lhes o que querem, para que, assim, nos deixem em paz durante o resto da noite.

Carlo olhou para ela atentamente e soube que aquela mulher tinha razão. Os seus súbditos estavam completamente apaixonados pelo seu sobrinho, que era um bebé bonito e adorável.

Cosimo simbolizava a esperança no futuro e a continuidade de uma das monarquias mais antigas da Europa.

A única coisa má do seu nascimento fora que aumentara a pressão sobre Carlo, para que se casasse e tivesse a sua própria descendência.

Carlo ficou tenso ao pensar naquilo. Não tinha nenhuma intenção de permitir que os seus súbditos lhe dissessem quando devia ser pai. Obedecera durante toda a vida, mas daquela vez não estava disposto a fazê-lo.

Se aprendera alguma coisa naqueles últimos meses, era que não podia continuar com a vida que tinha. Muita gente teria matado para a ter, mas ele não a queria. Parecia uma vida fácil e feliz, mas era uma vida que o prendia e o constrangia.

Pelas suas veias corria uma inquietação que se tornara mais pronunciada desde o acidente e Carlo estava convencido de que um rei inquieto não era um bom rei. Além disso, tinha outra razão para fazer o que ia fazer, uma coisa que o perseguia desde que acordara do coma...

- Parece-lhe ser uma boa ideia, Majestade? - perguntou a mulher do sotaque inglês.

- Como? - perguntou Carlo, afastando os seus pensamentos.

- Parece-lhe bem que façamos a sessão de fotografias com o seu irmão e a sua família?

- Ocorre-me um milhão de objecções à ideia, mas compreendo porque a tiveram, portanto, fale com a minha equipa de segurança e faça-o! - ordenou. - Certifique-se de que a imprensa não excede o tempo que lhe derem, pois tentarão de certeza. Demasiados flashes não são bons para uma criança. A verdade é que também não são

para os adultos – acrescentou com ironia. – E que mais?

– Jantar para duzentas pessoas, o discurso do seu irmão, em que lhe agradece por ter organizado o baile, foguetes e...

– Um momento – interrompeu Carlo. – Eu também quero fazer um discurso. Antes do meu irmão.

Melissa deu um salto.

– Mas, Majestade...

– O que foi?

Melissa pensou nas famílias reais, nos dignitários, intelectuais e artistas que chegariam do estrangeiro, da Europa e dos Estados Unidos, e nos serviços de segurança que estavam a trabalhar a um ritmo infernal para cumprir os horários previstos e suspirou. Aquele homem ia querer algo parecido no último momento?

– Os horários estão organizados ao segundo.

– Voltem a organizar tudo – respondeu o rei. – Não estão a ser pagos para isso?

Melissa sentiu-se a morrer, mas conseguiu manter a calma.

- Muito bem, Majestade. Diga-me, por favor, de quanto tempo precisa para o seu discurso. Assim, poderei comunicar a todos. Resolvê-lo-emos, claro que sim.

«Não te lembras de mim? Lembra-te!», implorou em silêncio. «Recorda que me disseste que era mais doce do que o mel e que a minha pele era mais suave do que as nuvens. Não te lembras de fazer amor comigo, enquanto gemias contra o meu pescoço?»

Carlo franziu o sobrolho face à reacção de Melissa, enquanto alguma coisa intangível atravessava o ar na sua direcção. Os seus olhos verdes tornaram-se mais escuros e abriu os lábios de uma maneira que os tornava muito sedutores.

De repente, desejou beijá-los. Da pele daquela mulher emanava um perfume delicado a lilases que, quando o atingiu, o paralisou.

Carlo deu por si a rebuscar nos cantos mais recônditos da sua mente. De onde conhecia aquele cheiro?

De repente, a sensação desapareceu e não conseguiu voltar a recuperá-la.

Carlo praguejou enquanto observava a jovem inglesa e, de maneira totalmente inexplicável, sentiu que se excitava. O desejo foi tão intenso que pensou em abraçá-la e apoderar-se dos seus lábios.

Aquilo fez com que se zangasse consigo próprio. Em que estava a pensar? Aquela mulher era apenas uma empregada temporária, que viera de Inglaterra para um trabalho concreto. Não era digna dele. Claro que há uma eternidade que Carlo não se entregava aos prazeres do sexo. Certamente, não tinha tido relações desde o acidente.

Por acaso, estava tão desesperado que ia permitir que o desejo lhe toldasse a razão? Podia ter qualquer mulher que quisesse!

«E tê-la-ei», prometeu em silêncio.

No baile daquela noite, haveria muitas mulheres desejosas de irem para a cama com ele, todas elas das famílias mais aristocráticas do mundo. Claro que não estava à procura de esposa, só de uma relação sexual, uma amante

que estivesse disposta a aceitar o que ele estivesse disposto a dar.

Carlo sabia que também haveria mulheres assim na festa e sorriu, contente, mas cerrou os dentes, furioso, quando se apercebeu de que a erecção continuava ali.

Chegara o momento de quebrar o celibato que escolhera voluntariamente e de se entregar ao prazer antes de ir para o exílio. E, quando o fizesse, quando decidisse manter uma relação sexual novamente, seria com uma mulher muito melhor do que aquela inglesa tão estranha.

Foi então que Carlo se apercebeu de que continuava sentada à frente dele, observando-o, como se tivesse todo o direito do mundo de passear à vontade pelos aposentos do rei.

– Penso que já está tudo, não é? – perguntou.

Era evidente que queria que se fosse embora e, para o caso de não ter ficado suficientemente claro, naquele momento, seguindo as palavras do rei, abriram-se as portas e entrou um dos seus assistentes.

– Orso, por favor, acompanhe a menina Maguire
– indicou Carlo.